

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribulações e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo “crescimento econômico” nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de “desenvolvimento” e “progresso” sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Uma Síntese Necessária (1)

Artigo 40, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Set 2009

Agora, ao final desta nossa jornada de reflexões, uma síntese se faz necessária.

Quando aqui me dispus a tratar os urgentes temas da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável, observados os limites apontados no início, senti-me compelido a evitar fazê-lo dentro das estreitas fronteiras da abordagem que domina corações e mentes há bem mais de três séculos. Ou seja, recusei-me a fixar o tema e a procurar defini-lo como uma área estanque, um bem em si mesmo.

Assim, ao tratar de "educação ambiental" não procurei apenas esmiuçar um "novo campo"; busquei antes, para aqui refletirmos, colocar algumas luzes sobre o conceito de ambiente e sobre o processo educativo, investigando as possíveis relações entre estes aspectos da realidade. Da mesma forma, ao tratar de "desenvolvimento sustentável", esforcei-me por desfazer equívocos quanto aos reais significados de desenvolvimento e de sustentabilidade evidenciando as relações envolvidas.

O grande desafio foi refletir sobre as dificuldades em mobilizar pessoas para as imensas e urgentes transformações que se fazem necessárias.

Há um antigo provérbio chinês que nos ensina: *"Diga-me e esquecerei, mostre-me e poderia recordar; envolva-me e compreenderei."*

O leitor atento poderá talvez lembrar-se de que aqui encadeamos temas como Tempo, Espaço, Ambiente, Ecologia, Educação, Ambientalismo, Desenvolvimento, Sustentabilidade, Cidadania, Democracia, Utopia, não com a intenção de definí-los, delimitá-los, esgotá-los, mas sim buscando antes estabelecer relações possíveis entre eles e ainda com o que lhes há de comum, como as clássicas indagações (tão esquecidas hoje) sobre *"quem somos, de*

onde viemos, para onde vamos, qual o significado de nossas vidas".

Desta maneira, por meio destes textos reflexivos, talvez tenha sido possível provocar o leitor e, melhor ainda, mobilizá-lo, envolvendo-o pela compreensão de o quanto cada um destes aspectos faz parte de seu cotidiano, faz parte de sua vida e a dirige e condiciona, como indivíduo e como coletividade.

Carl Gustav Jung (1875-1961, suíço) psicanalista, criador do conceito de inconsciente coletivo, nos estimula a agir: *"Aquilo que na vida tem sentido, mesmo sendo qualquer coisa de mínimo, prima sobre algo de grande, porém, isento de sentido."*

Recordando, quando tratamos brevemente de **Tempo**, vimos a percepção do tempo como percepção da realidade, o tempo psicológico que dirige nosso conhecimento, que estrutura nosso sistema de crenças, que governa nossas decisões e ações.

Ao tratarmos de **Espaço**, abordamos a desobstrução e extensão dos nossos sentidos na percepção do entorno e, como consequência, do Outro, encontramos a alteridade.

Ao refletirmos sobre **Ambiente**, defrontamo-nos com a responsabilidade na ocupação dos espaços vitais, a cooperação baseada na interdependência, na impermanência e no revezamento.

Ao meditarmos sobre a ciência a que chamamos de **Ecologia**, mergulhamos na abordagem sistêmica, nas idéias de interação, totalidade, organização e complexidade, na compreensão do lugar onde vivem organismos, populações, comunidades, ecossistemas e biosfera.

Quando isto nos levou a refletir sobre **Educação**, o fizemos como uma jornada em direção ao conhecimento para descolamento à barbárie, como o

preparo para a vida e instrumento para sua compreensão e preservação, um papel central na integração dos saberes a serviço da vida.

Ao darmos um passo além, compreendemos em **Ambientalismo** um modo holístico, integrado e integrador, de ver e de praticar, entendemos a visão ambientalista como transformadora do modelo educacional e de nossas vidas.

Avançando, e no sentido de desmistificar o que pode ser compreendido por **Desenvolvimento**, abordamos a rede de interações que pressupõem o cuidado com a manutenção de relacionamentos mutuamente benéficos, uma estratégia de perpetuação e evolução, a ação presente para a preservação futura.

Quando isto por sua vez nos levou a refletir sobre **Sustentabilidade**, outro tema a desvestir de mistério, tratamos do equilíbrio dinâmico nas trocas, vimos ecologia e economia como aspectos do mesmo problema, a superação da "infância da humanidade".

Prosseguindo na jornada, ao refletirmos sobre **Cidadania**, vimos que "é preciso superarmos as ilusões para que alcancemos uma condição que não precise de ilusões", reconhecemos amor, trabalho e conhecimento como fundamentos da vida, o exercício da identidade e dos laços sociais.

Como consequência, ao mergulharmos em **Democracia**, dando-nos conta sem assombro daquela que é possível nas condições de hoje, encontramos o exercício e a expressão da cidadania, a liberdade, a responsabilidade, a alteridade, "para que cada homem seja respeitado como indivíduo e nenhum venerado".

Quando enfim nos demos ao exercício imaginativo e crítico da **Utopia**, mais do que "em lugar algum" ou "o bom retiro", "imagem de um desejo" ou "promessa de felicidade", vimos que ele é reflexo das "condições de vida e das aspirações individuais e sociais em diferentes épocas", é "projeto alternativo capaz de indicar potencialidades realizáveis e concretas", não apenas possível, mas necessário, "de cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades".

Daí tiramos como **Conclusões** possíveis, caminho e meios para as transformações, ferramentas como o olhar para perceber, o compreender para conhecer, o agir para responder, o transcender para superar, o imaginar para a liberdade de ir a qualquer lugar.

Uma Síntese Necessária (2)

Artigo 41, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Out 2009

Continuemos a tecer uma síntese necessária.

Todo o esforço humano é, em tese, voltado à busca de melhor qualidade de vida, em Filosofia – “*phílos*”, em Grego, significa “amigo”, “amante” e “*sophia*” é “conhecimento”, “saber” – a chamada “vida boa”, aquela que atende a nossas necessidades básicas, provê alimento, abrigo, condições para a saúde e a educação, a ocupação, o lazer e a cultura, a liberdade, os laços sociais e a perpetuação; em suma, a perspectiva e o exercício de uma vida justa.

Entretanto, não é isto que a realidade cotidiana nos revela. A todo momento estamos expostos às incoerências, os conflitos entre princípios gerais, circunstâncias e conveniências egocêntricas.

Se em alguns países o grande divisor, longe de ser o único, é a cor da pele, promovendo uma segregação racial, já em outros pode ser a origem social, promovendo uma segregação por castas; ou então a religião, promovendo uma odiosa segregação que em tudo contraria os fundamentos da própria religiosidade. Já em nosso Brasil, o divisor principal é a condição sócio-econômica, o maior preconceito dá-se contra a pobreza e seus vários aspectos.

A capacidade de indignar-se diante das iniquidades (do Latim “*iniquus*”, que é “desigual”, “injusto”) é a grande distinção entre os que estão de um lado ou de outro das margens do longo rio das injustiças.

Retorno a Einstein, cuja capacidade de ver, de imaginar e de agir procurava integrar todos os aspectos da vida humana em sua jornada pela existência. Eis alguns de seus pensamentos:

“Qualquer um que não leve a verdade a sério em assuntos pequenos, também não pode ser confiado nos assuntos maiores.”

“Poucos são capazes de dar bem claramente uma opinião diferente dos preconceitos de seu meio. A maioria é mesmo incapaz de chegar a formular tais opiniões.”

“Para ser um membro irrepreensível de uma comunidade de carneiros, é preciso, antes de tudo, ser também carneiro.”

A alienação, em qualquer de suas formas, termina por ser ao mesmo tempo uma doença escravizante e uma ferramenta de dominação, a depender de quem a sofre e de quem a promove.

Fruto basicamente das concepções e ações dos que vêm o Outro apenas como extensão de si mesmos, como se membros a serem utilizados, um dos maiores obstáculos a superar é a luta entre o individualismo excludente e a cooperação para a formação de um coerente e saudável corpo social.

O que é uma sociedade justa?

Não estou aqui tratando de leis, de normas ou de arcabouço legal; lembremos a propósito, que a escravidão já foi “legal”, já foi lei tanto no Brasil como em inúmeros outros lugares e épocas.

Não estou tratando daquilo que tantas vezes aqui denominei de “sistema de crenças”, o baú de conhecimentos ou preconceitos, reais ou imaginários, justos ou injustos, saudáveis ou neuróticos que cada um de nós alimenta como guia.

Não estou também tratando de uma possível (ou impossível) neutralidade ou imparcialidade de visão ou de opinião, o famigerado mito da neutralidade científica e seus engodos.

Há enormes diferenças de percepção e projeto para a sociedade como um todo, a depender da classe social a que estamos condenados. Basta observar a hipocrisia das elites, que receitam aos demais precisamente aquilo que não seguem. Por exemplo, os problemas

crônicos da educação em nosso país (e agora mais acerbamente no estado paulista) não são “falhas”, são parte de um projeto, como bem o demonstra Mario Sergio Cortella (1954, brasileiro), filósofo e educador. Lembrando-nos de Einstein, “é um milagre que a curiosidade sobreviva à educação formal.”

Já disse aqui, sem curiosidade e esforço não há conhecimento; sem conhecimento não há critério, sem critério não há escolha, sem escolha não há liberdade, não há cidadania. O motor de tudo, a coragem.

Uma vez mais recordo Brecht, agora para melhor delimitar a fronteira entre a mentira e o engano, entre a intenção perversa e o equívoco, mormente em uma época em que tanto se fala em desenvolvimento, em sustentabilidade, em democracia, em educação, em honestidade, em transparência e em participação de e para todos.

Logo que Hitler eleger-se na Alemanha, em 1933, Bertold Brecht (assim como Albert Einstein, Thomas Mann, Stefan Zweig e tantos outros) exilou-se e, em sua luta árdua contra os fascismos e sua expressão máxima, o nazismo, escreveu em 1934 um texto de clareza meridiana para ser divulgado na Alemanha hitlerista e na Europa.

Brecht deu-lhe o título de “*Cinco Dificuldades no Escrever a Verdade*”, cujo breve resumo diz:

“Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao

menos cinco dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o fascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram; e mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa.”

Aqui escrevi (tão cientificamente quanto nestas condições me foi possível) sobre elementos para a elaboração de um **conjunto de valores a guiar nossas ações** na direção de um mundo humano sustentável (sendo que este “humano” vai por conta da certeza de que a natureza no planeta Terra encontrará, como tem feito há 4,6 bilhões de anos, os seus próprios caminhos, independentemente à nossa presença ou mesmo apesar dela).

Em outras palavras, busquei aqui eleger uma **ética** (do grego “*êthos*”, que é “modo de ser”, “caráter”) para uma **práxis** (do grego “*prâksis*”, que é “o fato de agir”, “realização”, “prática”) saudável e conseqüente, um conjunto de valores e ações que poderá nos permitir reconhecemo-nos como humanos e como parte integrante de um todo planetário, a longa e pacientemente tecida **teia da vida**.

Uma Síntese Necessária (3)

Artigo 42, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Nov 2009

Avancemos a tecer uma síntese necessária.

Se o Homem é fruto do ambiente – que (por mutações ao acaso e seleção natural) condiciona e dirige sua evolução e, portanto, cria ao longo do tempo o patrimônio genético próprio que o define e que resulta em suas potencialidades e em sua expressão –, então talvez seja perfeitamente legítimo que a humanidade atue no sentido de adaptar o meio às suas necessidades (e não apenas adaptar-se a ele), guardados os limites irredutíveis da natureza naquilo que não podemos – e nem devemos – transformar.

Em uma perspectiva sustentável, não seriam apenas os limites físicos (ambientais) irredutíveis a serem observados: a **ética** é igualmente importante, no sentido do conjunto de valores que sejam considerados bons, isto é, que *atendam às reais necessidades dos indivíduos e das coletividades*.

Que ética é justo elegermos?

Neste sentido, se todos os conceitos e temas que aqui resumidamente abordamos não forem pelo menos eles levados em conta na elaboração destes valores e princípios maiores (a ética) – ou seja, se não levarmos em conta *não só os indivíduos e as coletividades, mas também a espécie humana e as demais espécies*, enfim, **o conjunto planetário das interdependências e suas impermanências**, que são a expressão última (atual e passada) da vida do planeta Terra –, então todo o nosso esforço terá sido inútil, pois seremos apenas joguetes do que há de pior em nossa condição humana: nossos primitivos instintos, os “baixos instintos”, o gene egoísta, estúpido e ingênuo, expresso em seu reduto último na articulação e no arranjo sócio-político-econômico hoje hegemônicos, o capitalismo exacerbado e ainda

irrefreável a não ser pelos limites de suas próprias contradições.

É necessário e urgente *não apenas contrapô-lo; é imprescindível superá-lo*. Se não o fizermos, estaremos abrindo mão do que há de melhor em nossa condição de humanos – nossa consciência, nossa compaixão, nossa inventividade –, não apenas enfrentaremos um futuro próximo sombrio: simplesmente não teremos futuro algum.

No entanto, em nossa própria história e ainda em nosso presente, temos exemplos abundantes de que é possível alcançá-lo. Bem longe de todas as indisposições imobilizantes diante das reais ou fantasiosas dificuldades, sabemos bem que não é necessário estarmos todos dispostos e mobilizados a esta superação: basta apenas, nutridos com as ferramentas adequadas às circunstâncias, o número suficiente de nós. A História demonstra que o restante, como na Física, adere por gravidade, ainda que lhe resista.

A síntese de conhecimentos para a compreensão da realidade (ou antes, das realidades) é parte indissociável de um processo pedagógico emancipador, que busca desvelar as conexões entre fatos aparentemente desconexos, busca encontrar novas relações. A síntese caminha na direção da máxima amplitude e inclusão (não apenas, por exemplo, justiça social – equidade – mas o que é bom para os indivíduos, a sociedade, a espécie, o conjunto das espécies e suas gerações), pois se, ao contrário, pensarmos e agirmos de maneira cada vez mais restrita, estanque e excludente, no lugar da grande articulação social teremos, ao invés, uma nação a prevalecer sobre as demais (e talvez as substituir), uma classe a substituir uma nação, um grupo a substituir uma classe, um indivíduo a substituir um grupo e assim, no limite, como Luis XIV, o Rei-Sol, obtém-se “l'état

c'est moi" ("o Estado sou eu"), a ruína geral.

As transformações ambientais em curso, de que o aquecimento global é apenas um aspecto, estão a nos trazer problemas gigantescos de que só teremos condição de dar conta civilizadamente se formos capazes de constituir uma nova ordem mundial; e é necessário compreender que **uma nova ordem social só se estrutura a partir de uma nova ética**. Um exemplo de exercício ético que se tornará em breve eloquente é o da água potável e sua mercantilização (ou o seu compartilhamento, por vezes mais frequente do que costumamos esperar).

Já um belo exemplo de construção ética planetária é o recente processo mundial de elaboração da Carta da Terra (2000), que compreende que *"somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum"*, que precisamos *"formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros"*, que *"devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local"*.

Exemplos contrários, porém, não nos faltam: na Argentina (mas poderia bem ser em qualquer outro lugar, como Honduras ou o Brasil, de qualquer continente – são mais de 200 países a escolher), há alguns meses, grandes fazendeiros não hesitaram em afrontar governo e sociedade bloqueando estradas, impedindo a circulação de cidadãos e alimentos essenciais, ateando

fogo em grandes extensões de terra visando sufocar populações vizinhas (a fumaça, visível até por satélite, viajou longe, chegando à capital Buenos Aires e mesmo ao sul do Brasil). Esta, uma das grandes fragilidades a que pode se expor uma nação: ficar à mercê dos interesses particulares de uma casta ínfima de grandes produtores ou de qualquer outro oligopólio (em Grego, *"olígos"* é "pequeno número", "pouco", enquanto que *"poleo"* é "negociar", "vender").

É preciso lembrar o que George Bernard Shaw nos dizia: *"Sem compreender o capitalismo não podemos compreender a sociedade humana da maneira que ela realmente existe."*

Etérea como o ar (ou como um sonho), a ética, esta ética que aqui elegemos, se compartilhada por um número suficiente de nós, pode ser na verdade sólida como uma rocha, o chão firme de que necessitamos na caminhada.

A árvore da vida humana em sociedade traz os seus frutos, onde no mesmo cacho de direitos e benefícios há uma penca de deveres e responsabilidades – o mal-estar inescapável de que nos fala Freud, ao considerar nossa luta interna em que se defrontam nossos instintos primitivos e nossa natureza superior. Esta ética, fruto desta consciência, se amplamente compartilhada, pode ser um grande instrumento até para a superação deste mal-estar.

Uma Síntese Necessária (4)

Artigo 43, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Dez 2009

É recorrente a lembrança, mais ainda entre os filósofos e os poetas, de que nas épocas das grandes crises costumamos recorrer aos antigos gregos, na busca de conhecimento e inspiração. Talvez em um futuro não muito distante tenhamos que fazê-lo radicalmente, para reerguermos um novo mundo no lugar de nossa atual coleção de equívocos.

Um bom procedimento inicial será verificarmos os vários significados da palavra "crise". Indo às origens ditas como ocidentais, em Grego, "*krísis*" é "ação ou capacidade de distinguir" e, em Latim, "*crísis*" é "momento de decisão"; além disto, em Chinês, significa também "oportunidade".

Como sabemos, há muitos milênios vimos nos estabelecendo no planeta todo e afinal o superpovoamos, explorando-o agora à exaustão. No percurso, o homem "primitivo" caçador-coletor deixou de sê-lo, na tentativa de libertar-se da opressão da fome e das incertezas, tendo criado um novo homem que cultiva, pastoreia e afinal industrializa, nisso segmentando a terra, o trabalho e o conhecimento, criando assim alienação e alienando-se, tornando-se novamente oprimido e opressor, uma vítima de si mesmo.

Os humanos pensantes passamos a vida buscando compreender a realidade para nela melhor nos situarmos. Busca-se hoje, desesperadamente, a conexão entre as ciências, a transdisciplinaridade, um rumo para a compreensão da totalidade.

Nada é (apenas) o que parece, embora o poeta, dramaturgo e romancista Luigi Pirandello (1867-1936, italiano) nos tenha deixado uma divertida e profunda obra, como a afiada crítica "*Assim é, se lhe parece*".

Bem compreendiam os gregos que a realidade não é desconexa (provavelmente nunca o foi e nunca será). Praticavam com maestria uma

arte, um método para a compreensão e o conhecimento, que denominavam **dialética** ("*dialektikós*", em Grego, é "relativo a discussão"; "*dialektiké* é "arte dialética", "arte de discutir e usar argumentos lógicos").

Especulavam sobre a existência, as relações humanas, meditavam sobre a natureza do mundo físico, a constituição da matéria, imaginavam-na formada por partículas infinitamente minúsculas, chegaram à idéia de átomo há mais de 2 mil anos.

Sabemos hoje sobre prótons, elétrons e nêutrons (e várias outras partículas) como constituintes dos átomos que compõem a matéria. Numa visão simples, prótons deveriam repelir-se mutuamente (o que impossibilitaria a matéria); no entanto, estão firmemente compactados em um núcleo. Elétrons deveriam repelir-se e despencar em direção ao núcleo; no entanto, vibram organizadamente em torno deste.

Nas cores que enxergamos (o espectro visível) há aquelas que chamamos de complementares; duas cores complementares, ao serem sobrepostas, produzem a cor branca. Sabemos hoje que a cor branca é produzida quando uma superfície reflete (quase) completamente a luz recebida; a preta, quando a superfície absorve a luz (quase) totalmente (é por isto que objetos pretos esquentam mais).

Algumas filosofias orientais antigas se valem de um conceito precioso, o Yin-Yang, o princípio da dualidade complementar (representado pelo círculo formado por símbolos em preto e branco) a compor um equilíbrio dinâmico de movimento e mutação, conhecido pelos praticantes de Yoga e acupuntura.

A experiência e o conhecimento nos indicam que devemos nos precaver ao extremo em relação às afirmações que empregam termos como 'tudo ou nada',

'sempre ou nunca', 'todo mundo e ninguém'. Diante das dificuldades, se distinguirmos apenas duas opções, "ou isto ou aquilo", frequentemente estaremos equivocados em nossa visão e em nossa ação.

A natureza é dialética, como bem compreendeu o filósofo Friedrich Engels (1820-1895, alemão), arguto analista social, que tratou disto na obra "*Dialética da Natureza*".

Antes dele, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831, alemão), também filósofo, já afirmava que "o verdadeiro é o todo", cada aspecto particular da realidade remete à totalidade, ao todo, e só pode ser compreendido e explicado em relação ou em função do todo, sendo que "as tragédias verdadeiras no mundo não são conflitos entre o certo e o errado; são conflitos entre dois direitos."

José Sérgio Fonseca de Carvalho, da USP, nós dá um exemplo de totalidade: "Ser 'infinito' é uma propriedade do conjunto de números naturais [0, 1, 2, 3 ...] que não está presente em nenhum de seus elementos individualmente considerados."

As partes que aparentemente se opõem, na verdade compõem uma totalidade em movimento e mudança constante, parecem uma contradição incessante em todos os fenômenos do mundo real e também, por consequência, em todos os pensamentos e ações humanos.

Milton Nascimento e Fernando Brandt, músicos e poetas, luminosamente cantam, em "*Encontros e Despedidas*":

*"... Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida."*

A hipótese fundamental da dialética é de que não existe nada eterno, fixo, pois tudo está em perene transformação, está sujeito ao contexto histórico.

Poetas e músicos, Lulu Santos e Nelson Motta brilham na canção e poema "Como Uma Onda":

*"Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas, como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar."*

A realidade, dialética, é constituída como oposição de contrários, é um processo; regida e movida pela contradição, é internamente relacionada. Percebemos com frequência que um ciclo se completa e que aparentemente retornamos ao início; porém, ao refletirmos, compreendemos que alcançamos um novo nível, percorremos a espiral dos processos e do conhecimento, o fim que é também começo.

Nos artigos *Espaço e Ambiente* (Jul-Ago 2006) há um exemplo dialético: a jornada em que não estamos sós, mas que é única e individual.

É assim que, em função da mudança de circunstâncias e então da mudança de consciência, é possível, no dizer de minha amiga Ana Maria Medeiros da Fonseca (historiadora, pesquisadora do NEPP da Unicamp e criadora do exitoso Programa Bolsa Família), "cometermos melhores erros".

Uma Síntese Necessária (5)

Artigo 44, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jan 2010

Finalizemos esta síntese, afinal duodécimo capítulo e último.

Era uma vez, o Homem... um dos inúmeros frutos na longuíssima evolução do terceiro planeta de uma estrela mediana, um sol amarelo, classe G2.

O trabalho é, antropologicamente, a atividade pela qual o Homem supostamente domina as forças naturais (penso que mais sensata seria a idéia – e a prática – de ‘surfá-las’), recria a si mesmo e, assim, ao tudo segmentar e mercantilizar, torna-se seu próprio e principal algoz.

Deve isto aos conceitos e práticas subvertidos quanto à divisão do trabalho (necessária), à propriedade privada (possível, sob condições) e à exploração da força de trabalho pelo capital (intolerável), afetando ao final, dialeticamente, a todos, sem exceção (em que pesem as diferenças de benesses e de conforto). Hoje a humanidade é uma só e o planeta sempre o foi, desde sua consolidação: a atmosfera é para todos, assim como os mares e a teia da vida. O mundo todo mora rio abaixo, todos sofrem as consequências.

Perceber isto é começar uma jornada de compreensão da realidade, da impermanência, da interdependência e da necessidade imperiosa de cooperação em seu sentido mais dialético.

No processo de seu desenvolvimento, ao tentar o Homem interpretar a realidade para nela melhor sobreviver, muitas visões de mundo surgiram em indivíduos e em coletividades, desdobrando-se daí culturas diversas e embates sem fim.

Afastando quaisquer interpretações maliciosas, dado o desgaste que foi impingido ao termo, sabemos em Filosofia que **ideologia** é **visão de**

mundo (em Grego, “ideo” é “idéia”, “modo de ser” e “logo” é “ciência”, “estudo”), é a idéia que fazemos dele.

Lançar luzes sobre a construção dessa visão é tarefa árdua, trabalho inesgotável para a ciência e a educação.

Fazer **ciência** é procurar retirar do olhar o véu da ignorância, do desconhecimento e do preconceito, muitas vezes combater o preguiçoso e depressivo descompromisso para com uma vida saudável, seja do indivíduo, da sociedade ou mesmo da espécie, expresso hoje de modo alarmantemente popular no arrogante “eu acho que” ou mesmo no irresponsável “eu mexo com”, síndromes de uma incompetência que se orgulha de seu desconhecimento (a palavra “síndrome” vem do Grego “*sundromé*”, que é “ação de se reunir tumultuosamente”). Opinião é um direito, mas não necessariamente é conhecimento, só “acha” quem perdido está; só “mexe com” quem não reconhece em si competência suficiente para afirmar-se um ‘profissional’.

Vimos aqui em vários artigos (*Espaço e Ambiente, Sustentabilidade e Cidadania, Cidadania e Democracia, Conclusões: O Olhar, Conclusões: O Transcender*) que fazer ciência está ao alcance de (quase) todos nós; “como sugere Hubble, fazer Ciência é antes buscar ver a realidade e compreendê-la, para o bem geral. Com paciência, dedicação, talento e mente aberta, está ao alcance de quase todos nós”.

Já a **educação** constitui a única ferramenta humana de mudança (o outro modo decorre da pressão ambiental), isto desde que seja *proativa* (que se antecipa aos problemas) e não apenas *reativa* (passiva, que meramente sofre e reage aos acontecimentos), isto desde que seja emancipadora e não apenas um instrumento de perpetuação de dominação social.

Em um texto a que chamou de *Verdades da Profissão de Professor*, Paulo Freire aponta:

“Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento de que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. ... Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.”

Nunca deixo de me lembrar que tive a sorte e a felicidade de estudar em escolas públicas, numa época dramática que misturou “anos dourados” com “anos de chumbo”. Os professores eram, em geral, respeitados, embora alguns fossem antes temidos; por sua competência e desprendimento, muitos eram queridos, e alguns, por conscientemente nos prepararem para a vida e a liberdade responsável, eram amados. A educação e a cultura eram valorizadas e, no ideário da população, a família era o valor mais alto e o núcleo confiável de referência; logo a seguir, e como que integrantes da família, vinham os professores. O lema de minha escola, um tanto positivista e desde cedo cultivado, era o mesmo da bandeira do estado paulista: *“Non ducor, duco”* (em Latim, *“Conduzo, não sou conduzido”*).

O conjunto das tarefas que nos defrontam é complexo e difícil, mas superá-lo é possível e, sobretudo, necessário.

Ao longo deste século XXI, o enfrentamento destas mudanças demandará empregarmos todo o nosso conhecimento, sim, e mais, o atual e o futuro; demandará tecnologia, sim, mas demandará (e provocará) sobretudo

mudanças na maneira como vemos a nós mesmos, na maneira como nos apropriamos dos espaços, como desenvolvemos nossas relações pessoais e sociais, nosso conceito de propriedade e nosso modo de produção.

Olgária Chain Féres Matos, professora da Faculdade de Filosofia da USP, assim alerta:

“Metáfora rigorosa para a educação, da escola maternal à universidade, o conhecimento, como escreveu Freud, é uma das tarefas mais nobres da humanidade no longo processo de sua humanização.”

Com este artigo, chegamos ao fim desta jornada de reflexões... Dialeticamente, o fim é um novo começo.

Sinto-me agradecido pela imensa paciência e perseverança dos que me fizeram companhia até aqui neste esforço coletivo. Um antigo provérbio chinês lembra que *“quando um rei morre, o povo diz ‘ele fez isto e aquilo...’; porém, quando um grande rei morre, diz ‘nós fizemos tudo’.*”

Já uma antiga sabedoria africana ensina:

“Se quiser ir rápido, vá sozinho; se quiser ir longe, vá em grupo”. Bem, é chegada a hora de irmos rápido, bem rapidamente; e em grupo.

Nunca será demais lembrar Paulo Freire:

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, todos nos educamos em comunhão.”

Entre nossos melhores escritores, José Bento Monteiro Lobato (1882-1948, brasileiro), certamente o melhor escritor infantil, editor, advogado, empreendedor, um dos ícones em nossa luta pelo petróleo brasileiro e grande amigo de Anísio Teixeira (1900-1971, brasileiro, um dos líderes da renovação do sistema educacional brasileiro no início do século XX), assim celebra em sua obra *“O Poço do Visconde”*:

"... o sorriso que tenho nos lábios é um sorriso geológico – o sorriso de quem sabe, olha, vê e compreende."

O **conhecimento**... bem, mas isto é já uma outra história que fica para uma

outra vez... E assim, para lembrar Julio Gouveia e Tatiana Belinky, entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra.